

Uma ponte longe demais

* 6 SET 1995

HORÁCIO LAFER PIVA

JORNAL DA TARDE

Um viva à equipe econômica pelo sucesso alcançado nestes 12 meses, o melhor resultado desde que iniciamos o esforço de estabilização e a recuperação do respeito por nossa própria moeda.

Com igual intensidade e sinal trocado, a expressão de preocupação pelo clima confuso na economia, situação esta que afeta profundamente o Plano Real na medida em que agrega situações de fato com tensões psicológicas crescentes.

Tal sentimento está firmemente calcado na taxa de juros e no desaquecimento do consumo, que, como instrumentos de política governamental, precisam ser analisados à luz do mercado em que se inserem, medidas que são a matéria-prima de uma quase-anunciada recessão, sempre precedida pelo abre-alas da inadimplência.

Há ainda uma impressão latente de que, enquanto houver alguma defasagem na taxa de câmbio, o governo não irá reduzir os juros, que atualmente têm mais a ver com seu déficit do que com o próprio consumo.

Com taxas em tais níveis, postergam-se investimentos, alimenta-se a estagnação, criam-se insatisfações, incentivam-se demandas por reivindicações mesmo com situações diferentes em segmentos distintos e, finalmente, a dívida pública explode. Uma dose de estragos de que não mais precisamos.



A ESTABILIZAÇÃO E O CRESCIMENTO SUSTENTADO SÓ VIRÃO COM UM MÍNIMO DE DISCIPLINA FISCAL E MONETÁRIA

Manter portanto as reservas está custando talvez caro demais. Entende-se o desaquecimento pela questão dos preços internos e da balança comercial, mas que Brasil sobrar para viver neste paraíso anunciado?

Não estamos falando só de queda de produção e investimento, mas também de emprego, o que, como vários editoriais têm colocado, afeta a projeção do consumo, gerando a cascata que provoca na economia uma estagnação generalizada e uma concentração de renda que, inelástica, não colabora em nada com a irrigação necessária à economia.

Estamos cansados de saber que a estabilização e o crescimento sustentado só virão com um mínimo de disciplina

fiscal e monetária, o que demanda reformas vitais. Embora o segundo semestre não seja promissor, com pressões de entressafra, de reajustes de preços públicos e disputas políticas que afetam as reformas vitais, não há por que se preocupar em excesso com a inflação e a balança comercial.

Contudo, não parece muito inteligente esta situação de tantos progressos econômicos, mas enormes dificuldades financeiras.

Desequilíbrios de tal natureza têm afetado significativamente o nível de emprego, preocupação básica que precisa entrar na agenda diária do governo FHC. Somente uma política de emprego que traga a médio prazo uma recuperação da poupança interna, vital para financiar um novo ci-

clo de investimentos com menor dependência externa, permitirá um horizonte sustentável de crescimento e distribuição de riquezas.

É preciso compreender que, se estruturalmente fatos como a terceirização e a produtividade impactam o emprego, conjuntamente o desaquecimento muito mais.

Movimentos de queda muito rápidos criam respostas por parte do mercado que se traduzem em novos ajustes.

Houve uma timidez exagerada na flexibilização da política gradualista do governo, principalmente ante indicadores tão claros de inexistência de estoques especulativos e capacidade adicional de consumo. Se agora a equipe começa a ceder, preocupa-nos o grau de esfriamento e as consequências que afetarão um enorme contingente de micros e pequenas empresas que deixaram boa parte de seu capital neste período recente.

A atenção com a profundidade das medidas é meio caminho para o apoio e o sucesso de tudo o que ainda há por se fazer no perigoso terreno da economia brasileira. Uma ponte para o futuro que, esperemos, não esteja longe demais.

O AUTOR

Horácio Lafer Piva é diretor da Klabin e do Depto de Pesquisas e Análises da Fiesp/Ciesp

